

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA



A IMAGEM INVENTANDO NARRATIVAS SOBRE APRENDIZAGENS DOCENTES:
REVERBERAÇÕES DE UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Carolina Dias de Lima

Porto Alegre, Março de 2016

CAROLINA DIAS DE LIMA

**A IMAGEM INVENTANDO NARRATIVAS SOBRE APRENDIZAGENS DOCENTES:
REVERBERAÇÕES DE UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi

Porto Alegre
1.Semestre
2016

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta narrativas sobre as aprendizagens docentes da autora pensadas a partir das imagens produzidas no Estágio obrigatório, realizado em uma turma de Educação Infantil, em Porto Alegre. Busca-se compor diferentes narrativas, em que texto e imagem se entrelaçam e, juntos, provocam o pensamento, instigam reflexões sobre as experiências pedagógicas, criam possibilidades e disparam aprendizagens. Ao identificar que existe um pensamento visual (EGAS, 2015) que atravessa as experiências pedagógicas, o estudo traz autores que contribuem para pensar sobre Cultura Visual e o desenvolvimento de pesquisas que utilizam materialidades visuais como metodologia, tais como Hernández (2007, 2010 2013) e Cunha (2013, 2014, 2015). Para pensar sobre Experiência, conceito fundamental no desenvolvimento do estudo, recorreu-se a Larrosa Bondía (2007). A maneira como estas narrativas aparecem no desenvolvimento deste trabalho, evidenciam a busca por responder a pergunta central *Que narrativas e aprendizagens docentes acerca da experiência pedagógica do estágio foram possíveis a partir das imagens produzidas por mim em sala de aula?* Assim, pretende-se com o estudo, dar a ver outras narrativas sobre experiências em Educação Infantil.

Palavras-chave: Aprendizagens docentes; Imagem; Narrativa; Experiência Pedagógica; Educação Infantil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço infinitamente meu professor orientador, Cristian Poletti Mossi, pelo apoio e parceria, por todas contribuições, pela leitura atenta e sensível e, principalmente, por aceitar me acompanhar nessa caminhada, por ter acreditado no potencial do trabalho e valorizado cada passo dado;

À minha família, por todo carinho e amor com que me criaram. Mãe e pai, agradeço todos os dias por poder contar com vocês! Mano, meu melhor amigo, que mesmo à distância tem o poder de me acalmar e me fazer ver o melhor de mim! Amo vocês!

Aos meus avós, vó Nelci, vô José, vó Isa e vô Jeová, que me dão forças para continuar, cada um a sua maneira, forças para estudar, melhorar, crescer;

Aos demais familiares que sempre me incentivaram nos estudos e sempre torceram por mim, agradeço muito pela força, pelas palavras e pensamentos de incentivo;

Às amigas Mariana e Stephanie, que encontro! Agradeço pelo companheirismo durante o curso de Pedagogia, pelos momentos regados a vinho ou café, pela imensa ajuda no desenvolvimento deste trabalho;

Às amigas Fernanda e Amanda, por todo esse tempo de amizade. Agradeço pela força, pela relação de confiança, pelas palavras de incentivo durante este estudo;

À toda a equipe da Creche da UFRGS, especialmente às professoras Raquel e Paula, que se tornaram grandes amigas. Agradeço por terem me apoiado tanto e por terem feito de tudo para que minha energia melhorasse quando mais precisei;

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, à Faculdade de Educação e às demais professoras e professores do curso de Pedagogia que contribuíram em minha constituição docente, me fazendo crescer e refletir sobre minhas intencionalidades pedagógicas. Gratidão!

SUMÁRIO

IMAGENS INICIAIS.....	7
Flashes do início de uma caminhada docente	7
Foco para uma investigação	9
(OUTROS) MODOS DE FAZER PESQUISA.....	17
A imagem como disparadora de aprendizagens docentes	20
Buscar nos registros, além dos registros...	24
REVERBERAÇÕES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA.....	29
Narrativas sobre amor e afetividade na Educação Infantil	29
Um pensar sobre Experiência	37
CONSIDERAÇÕES PARA NOVAS REFLEXÕES.....	44
REFERÊNCIAS.....	46

Vou ficar mais um pouquinho
Para ver se acontece alguma coisa nessa tarde de domingo
Congele o tempo *preu* ficar devagarinho
Com as coisas que eu gosto e que eu sei que são efêmeras
E que passam perecíveis
E acabam, se despedem, mas eu nunca me esqueço

Vou ficar mais um pouquinho
Para ver se eu aprendo alguma coisa nessa parte do caminho
Martelo o tempo *preu* ficar mais pianinho
Com as coisas que eu gosto e que nunca são efêmeras
E que estão despetaladas, acabadas
Sempre pedem um tipo de recomeço...

Efêmera - Tulipa Ruiz



IMAGENS INICIAIS

Flashes do início de uma caminhada docente

Em 2007, ainda frequentando a escola como estudante do Ensino Médio, tomei uma decisão que mudaria todos os caminhos que viriam a seguir. Em uma conversa em família decidi que iria buscar o curso de Magistério, o qual já estava sendo oferecido em poucas escolas da região em que eu morava, em São Leopoldo. Decisão tomada, segui em frente e realizei a matrícula no curso.

No ano seguinte, comecei a cursar paralelamente ao terceiro ano do Ensino Médio o Curso Normal, que me formaria para ser professora. Foram dois anos intensos em que estudava no turno da noite e, aos poucos, ia conhecendo autores como Paulo Freire e Fernando Hernández. Não teria como imaginar que tais pensadores me acompanhariam durante tanto tempo, e seriam tão importantes para minha constituição docente. Passaram-se os anos, e hoje me encontro escrevendo este trabalho de conclusão de curso, ainda acompanhada daqueles autores, mas com muitas e diversas aprendizagens que aconteceram ao longo desse tempo.

Muitos acontecimentos repentinos e desafios constantes: assim começou minha caminhada docente e, aos poucos, fui me constituindo a Professora Carol. Iniciei meus estudos no curso de Pedagogia em uma universidade privada na cidade de São Leopoldo, e trabalhei em uma escola de Educação Infantil também privada na mesma cidade. Anos depois ingressei na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e, logo em seguida, fui chamada em um concurso público para trabalhar como professora na rede municipal de Novo Hamburgo. Foram experiências ricas que me introduziram a diversas realidades, como por exemplo à educação popular, às vivências dentro da escola pública, bem como a outras formas de pensar a educação para além do ensino tradicional. Já na UFRGS, decidi largar aquele cargo público depois de um ano de trabalho, em nome de me dedicar aos estudos para poder concluir o curso de Pedagogia.

A última etapa do curso de graduação se põe agora a minha frente como um grande desafio, me instigando a pensar, refletir, pesquisar, problematizar, e escrever... Neste Trabalho de Conclusão de Curso procuro refletir acerca das aprendizagens que tive na formação docente que iniciou muito antes do próprio

curso de Pedagogia da UFRGS, mas que nesta universidade se consolidou e neste trabalho procuro apresentar de acordo com minhas vivências.

Durante o Estágio Obrigatório do Curso produzi muitas imagens para acompanhar o desenvolvimento da minha ação docente. Foram feitas fotografias que retratavam as crianças e as rotinas na Escola de Educação Infantil através do meu olhar e das demais professoras que trabalhavam junto comigo. Na presente pesquisa recorro a essas materialidades para pensar sobre minhas aprendizagens docentes.

Identifico que existe um pensamento visual (EGAS, 2015) que atravessa as minhas experiências como educadora, pois, agora, compreendo que as imagens produzidas naquele momento estão para além do registro, não são somente elementos da documentação do meu trabalho. As fotografias mostram o processo acontecendo, provocam o meu olhar e meu pensamento, evidenciam minhas intencionalidades educativas. As imagens me instigam, me convidam à reflexão, são disparadoras de aprendizagens e constroem uma narrativa própria, uma narrativa visual das minhas experiências com os alunos e alunas da Educação Infantil com os quais convivi ao longo do Estágio.



Foco para uma investigação

O início deste estudo surgiu no primeiro semestre de 2015, quando fiz meu Estágio Obrigatório do curso de Pedagogia em uma Escola de Educação Infantil situada em Porto Alegre. Naquele momento, já estava trabalhando como professora da turma junto de outras duas colegas, exercitando a docência compartilhada.

A turma em que realizei o estágio, o Maternal 1, era composta por 17 crianças na faixa etária dos dois a três anos, dez meninos e sete meninas. Conforme as semanas iam passando, comecei a notar que o final da tarde era um momento em que os familiares que buscavam as crianças poderiam conversar com as Professoras para saber como havia sido o dia. Queriam ter mais detalhes das atividades desenvolvidas e do envolvimento das crianças durante o período na escola. Como a turma tinha muitas crianças e o espaço da sala era pequeno, nem sempre conseguíamos dar a devida atenção aos familiares, pois as crianças ainda

muito pequenas necessitavam do nosso cuidado naqueles momentos: final do dia, cansaço, saudade dos pais, um chorinho de sono e os pedidos por colo e abraços.

O Projeto Pedagógico por mim desenvolvido e realizado com a turma priorizava atividades artísticas e sensoriais, experimentações que não eram comuns naquele contexto, então, as pastas e painéis da sala acabavam não ficando repletos de ‘amostras’, ‘produções’ ou ‘trabalhinhos’, como os próprios familiares das crianças costumavam nomear. A cobrança pela parte das famílias começou a ficar cada vez mais explícita, pois mesmo que não estivessem dizendo ‘com todas as letras’, percebíamos que estavam insatisfeitos com o trabalho realizado, como se ao não verem todas as atividades expostas na sala, fosse sinônimo de que ‘pouco pedagógico’ estava acontecendo no período em que as crianças estavam na escola. Aquilo me inquietou, eu precisava descobrir uma forma de mostrar para as famílias o que estava acontecendo no cotidiano escolar das crianças para complementar aquelas trocas e conversas rápidas que tínhamos no final do dia.

A partir desta situação, criei um mural de fotos da turma, localizado no corredor da escola logo na entrada da sala, para que todos pudessem o visualizar. Periodicamente eu o atualizava com as fotografias tiradas nos momentos com as crianças, durante as brincadeiras, atividades na sala de aula ou no pátio. Fotografias feitas com a câmera da turma ou até mesmo com os aparelhos celulares das professoras. Naquela época ainda não imaginava a dimensão que as imagens então produzidas poderiam ter na construção e desenvolvimento de minha ação docente.

Com a criação deste mural, percebi que não somente os pais, mas toda a comunidade escolar como familiares, demais professoras e professores da escola, equipe de higienização e nutrição, tinham a oportunidade de aprender sobre as vivências daquela turma na rotina da Educação Infantil. As imagens capturadas mostravam as crianças nos mais diversos momentos e tendo as mais diversas reações: mãos repletas de melecas, corpos envolvidos pela areia, olhares atentos a uma história, papéis sendo rasgados, tecidos se transformando em cabanas, corpos dançantes ao escutarem uma música na rádio e ouvidos atentos ao som do aparelho tocador de discos de vinil.



Naquele semestre, fui percebendo o quanto aprendia ao fotografar e o tanto que aquelas imagens poderiam ser significativas para o meu fazer/pensar docente. Comecei a notar que as imagens davam visibilidade para as atividades desenvolvidas.

Acredito que a aprendizagem nesta faixa etária dos dois anos, se dá em parte pela sensorialidade, por isso, as propostas pedagógicas eram focadas na experimentação de materiais diversos e na experiência. O foco era no processo e

não havia uma preocupação em produzir todos os dias um produto final. Richter (2014) tem influência em minhas falas a respeito da necessidade de ampliar as propostas na Educação Infantil, envolvendo diferentes experiências expressivas e ao mesmo tempo desafiadoras. A autora afirma que nos primeiros anos de vida

as linguagens expressivas permitem às crianças simbolizarem suas sensações e sentimentos por meio de jogos construtivos sobre a matéria. Transformação construtiva que, em si, é ato estético, pois é essencialmente lúdico e poético ao envolver o prazer da sensorialidade (RICHTER, 2014, p. 59).

Também sustento minhas ideias através dos estudos de Barbosa e Horn sobre Projetos Pedagógicos na Educação Infantil, quando afirmam que:

O modo de viver e de manifestar-se, de conhecer e de construir o mundo, pauta-se na experiência pessoal, nas ações que realizam sobre os objetos e no meio que as circundam. Os primeiros anos de vida da criança, estão marcados por uma constante busca de relações: as pessoas, os objetos e o ambiente são interrogados, manipulados, mediante uma atitude de intercâmbio interativo, juntamente com um processo de forte empatia. Na creche, desde muito pequenas, elas aperfeiçoam as experiências que já existem e adquirem novas estratégias. Portanto, ao agir sobre o mundo, as crianças desenvolvem-se e constroem aprendizagens (BARBOSA; HORN, 2008, p. 72).

Para esta pesquisa, estudo autores como Fernando Hernández (2007, 2010 2013) e Susana Rangel Vieira da Cunha (2013, 2014, 2015) para pensar o campo teórico-metodológico da Cultura Visual o qual dá suporte para a execução de pesquisas em Educação utilizando como materialidade empírica Imagens e Materialidades Visuais, bem como Jorge Larrosa Bondía (2002) para refletir sobre o conceito de Experiência. Fernando Hernández (2007) instiga-me a pensar na possibilidade de inventar narrativas para a Educação quando o autor aponta que "as narrativas são formas de estabelecer a maneira como há de ser pensada e vivida a experiência" (2007, p. 11).

A partir do momento em que noto a potência das imagens do cotidiano da escola em que trabalho, proponho uma problemática para esta pesquisa: Que narrativas e aprendizagens docentes acerca da experiência pedagógica do estágio foram possíveis a partir das imagens produzidas por mim em sala de aula? Partindo desta pergunta, durante a pesquisa busco investigar e reconfigurar aprendizagens docentes, pensar sobre as minhas experiências na Educação Infantil e ainda refletir

sobre as possibilidades criadas pelas imagens produzidas. Cabe ressaltar que proponho narrativas visuais com estas imagens, e as mesmas estarão atravessando o trabalho através de montagens. Essas montagens estarão a serviço de provocar tensionamentos e diálogos entre as imagens e também entre o texto, não para pensarmos sobre cada uma isoladamente, mas sim no conjunto que formam (imagem/imagem, imagem/texto).

As aprendizagens docentes aparecerão ao longo da escrita, portando, caro leitor, não procure no sumário por um capítulo dedicado somente a elas. Acredito que minhas aprendizagens docentes foram ampliadas durante todo processo de desenvolvimento dessa pesquisa, desde a própria composição da problemática da mesma, até o estudo teórico, a escolha das imagens, a disposição destes elementos e problematizações que atravessam o trabalho.

Destaco ainda, que este estudo foge um pouco dos padrões em que geralmente, imagens servem para ilustrar a parte escrita do trabalho. As imagens aparecerão aqui sem legendas, e ainda ousar pedir sensibilidade e disponibilidade do leitor, para que sejam apreciadas e pensadas com o seu olhar junto ao texto. Elas foram selecionadas em ordem não cronológica, e intencionalmente colocadas no corpo do texto escrito, para serem visualizadas e pensadas junto às palavras. Gostaria que o leitor, ao encontrar uma imagem, ou um conjunto, parasse para observá-la, como quem medita uma palavra. Meditar a imagem é olhar e reparar nos detalhes, cores, experiências e subjetividades. Meditar a imagem, pode nos despertar curiosidade pelo que não está presente. Assim como a imagem atravessa a linguagem verbal escrita, proponho que ela atravesse o leitor e provoque diferentes sensações e sentimentos.

Através e com as imagens invento uma narrativa visual que coloca a fotografia como um elemento provocador, me instigando a pensar sobre a experiência com crianças pequenas e a minha constituição como professora, pedagoga e pesquisadora em constante formação. Convido o leitor a tensionar e relacionar as imagens entre si a partir destas narrativas visuais por mim propostas.

Estas narrativas visuais atravessam os capítulos e subcapítulos que compõem o trabalho. Na parte inicial, conto um pouco do início da minha trajetória como educadora e sobre minhas motivações para este estudo. Na sequência, apresento como a pesquisa foi realizada, buscando pensar outros modos de fazer pesquisa no campo da Educação. Depois, destaco elementos que constituem a

minha experiência na Educação Infantil e faço uma reflexão sobre o conceito de Experiência, que é uma ideia central no trabalho. Na última parte, apresento a conclusão deste trabalho, buscando realizar considerações que instiguem novas reflexões, sem o esgotamento do estudo.



imagem
que faz olhar
que faz pensar
que mostra
que esconde
que filtra

imagem para além do registro
imagem muito mais que ilustração
imagem que propõe outras narrativas
outros olhares



(OUTROS) MODOS DE FAZER PESQUISA

A presente pesquisa se constitui em uma reflexão feita a partir de um recorte do Estágio Obrigatório do curso de Pedagogia, realizado no primeiro semestre do ano de 2015, em uma escola de Educação Infantil situada em Porto Alegre na turma do Maternal 1, com crianças de 2 a 3 anos.

Os modos de fazer a pesquisa iniciaram com a definição de uma questão: Que outras narrativas e aprendizagens docentes acerca da experiência pedagógica do estágio foram possíveis a partir das imagens produzidas em sala de aula?

Como principal materialidade de pesquisa utilizo as imagens fotográficas realizadas durante aquele período. Foram mais de 1300 fotos que, com a autorização dos familiares responsáveis, eu utilizava para documentar e compor meus diários e reflexões quinzenais, que compuseram o Relatório Final de Estágio. No desenrolar do texto, vou elaborando outras narrativas visuais buscando instigar o leitor a refletir acerca da potência dessas imagens, para além do registro e da ilustração de um momento.

Como metodologia, consultei minhas reflexões quinzenais¹ e o Relatório Final de Estágio. Também foram revisitados os diários de estágio, recordando-me das memórias daquele período e fazendo-me questionar e pensar sobre aquela prática pedagógica.

A pesquisa teórica foi de fundamental importância para dar consistência ao estudo. Ao refletir sobre minhas vivências na Educação Infantil fui recordando dos autores que já havia estudado, como Hernández (2007, 2010, 2013) e Cunha (2013, 2014, 2015), e percebi que suas escritas e meus pensamentos convergiam em diversos aspectos. Ao iniciar a pesquisar e pensar mais sobre a temática da Imagem na Educação, me aproximo dos estudos da Cultura Visual, realizando um levantamento de outros autores que pudessem colaborar nessa investigação (HERNÁNDEZ, 2013; CUNHA, 2015; EGAS, 2015).

¹ As Reflexões quinzenais, assim como o Relatório Final de Estágio eram compostas por reflexões escritas, em que as estagiárias poderiam escolher temas relevantes em Educação Infantil para escrever sobre, consultando autores que contribuíssem nas discussões.



Fernando Hernández (2013) sustenta a estreita relação entre a investigação sobre cultura visual e a pesquisa com e sobre as imagens. O autor coloca que os estudos da cultura visual podem ser entendidos como uma *metodologia viva*, um movimento de estudo, “uma sensibilidade que nomeia uma problemática” (2013, p. 78). A partir desta perspectiva construo uma metodologia de pesquisa, inspirada pelos métodos visuais de investigação.

Desde o início deste trabalho foi realizado um intenso exercício de observação das imagens produzidas por mim durante o estágio. A partir da perspectiva de Susana Rangel Vieira da Cunha, compreendo essas imagens como os materiais visuais da minha pesquisa. A autora cria as tensões necessárias para que eu (re)pense as imagens e minhas experiências docentes. Enfatiza que a

imagem “produz uma narrativa maior do que a escrita nos dá” (Cunha, 2015, p. 169) e, assim, inspiro-me em suas pesquisas e começo a usar as imagens durante o percurso como fonte de estudo e também como forma de expressão.

As aprendizagens docentes aparecerão no texto de dois modos: primeiramente, nas escritas sobre a ideia de que estas imagens me fazem aprender a ser professora, nas palavras sobre experiência, sobre afetividade e demais reflexões acerca da rotina na educação infantil. Depois, nas montagens de imagens dispostas ao longo do trabalho. Parte destas aprendizagens docentes que a pesquisa almeja apresentar vai se dar nesses vãos, nesse ‘entre’ proposto pelas narrativas com imagens. A escrita não estará a serviço de ‘explicar’ essas imagens, tampouco as imagens estarão a serviço de ilustrar a escrita, mas ambas convivem no texto de maneira a oferecer ao leitor caminhos infinitos de produção de sentidos (MOSSI, 2013).



A imagem como disparadora de aprendizagens docentes

Inicialmente, quando comecei a fotografar as atividades e o dia a dia na educação infantil, tinha a intenção de registrar o que acontecia para mostrar aos familiares e comunidade escolar. Já entendia que as fotos eram capazes de mostrar as atividades e os momentos vividos sem a necessidade de legendas ou explicações, porém, ao me aproximar das pesquisas em Cultura Visual e Educação vejo o papel fundamental da imagem nas minhas ações como professora na educação infantil, aprendizagens docentes que foram surgindo neste outro modo de olhar para as imagens. Aprendi a entender a fotografia para além do registro, um material visual como metodologia de pesquisa, que me auxilia a refletir sobre a infância, sobre os processos expressivos, sobre os materiais utilizados na educação infantil, sobre trocas, amorosidade e afetividade, sobre o saber da experiência e o instante vivido.



Analisando minhas experiências pedagógicas vejo que de alguma forma as visualidades sempre estiveram presentes em ações por mim propostas. Nas semanas de prática docente² procurava desenvolver atividades e situações de aprendizagem em que as crianças pudessem se expressar através do desenho, da pintura, do recorte e da colagem, da dramatização e da exploração dos diversos materiais gráfico-plásticos, sempre fotografando e documentando as experiências. No entanto, durante o curso de graduação acabei desenvolvendo a maior parte dos trabalhos acadêmicos em torno na linguagem escrita, mesmo havendo um interesse por me expressar de outras maneiras. Entendia que a forma legitimada dentro da Universidade era o trabalho escrito e, sem perceber, durante muito tempo utilizava as imagens apenas como registro, sem problematizar sua potência.

Ao escrever esta pesquisa me desafio a pensar a imagem em sua própria força, a qual surge para nos mostrar as vivências na educação infantil, mas também para nos provocar, instigar a pensar sobre o momento vivido. A imagem fotográfica nos possibilita pensar a educação pela experiência, pelos encontros, atravessando nossos sentimentos e refletindo a efemeridade da vida.

As fotografias da educação infantil mostram, em parte, minhas intencionalidades pedagógicas e o que entendo como situações possibilitadoras de aprendizagem no trabalho na educação infantil. As fotografias mostram momentos que me constituem como educadora, momentos únicos e também recortes da realidade. Concordo com Cunha (2015, p. 173) quando diz que “precisamos dar existência e consistência aos episódios da pesquisa, porém eles sempre serão versões do registrado”. Os episódios, revelados nas fotos que aparecem durante este TCC são fragmentos de uma experiência pedagógica, compõem meu percurso como pesquisadora e vão dando forma a narrativas visuais e textuais.

² As semanas de prática docente fazem parte do currículo do Curso de Pedagogia da UFRGS. São semanas em que os estudantes realizam propostas pedagógicas em espaços escolares e não-escolares, orientados por professores do curso.



As imagens possibilitam um pensar crítico sobre a prática a partir do momento em que servem para problematizar e não somente para ilustrar o que já está dito. Penso sobre quais aprendizagens tive desde que comecei a observar as fotografias do dia a dia na escola.

A investigação em e sobre a cultura visual está estreitamente ligada a pesquisa com e sobre imagens. Nessa relação, diferentes perspectivas e disciplinas consideram, na atualidade, a utilização de imagens na pesquisa em ciências sociais e humanas, configurando, com isso, um campo de estudos que goza de crescente reconhecimento e interesse (HERNÁNDEZ, 2013, p. 79).

Através desta investigação problematizada pelas imagens conheci também a A/r/tografia e a Investigação Baseada nas Artes. Não é do meu interesse me aprofundar aqui sobre estes estudos, mas gostaria de expor que eles me instigaram durante este processo. Tais metodologias, segundo Hernández (2013), nos mostram que o caráter ilustrativo das imagens é insuficiente para a pesquisa no campo da Educação. O autor afirma que as investigações com imagens criam a possibilidade de “revelar aquilo que, de outra maneira, permanecerá oculto e que tem a ver com o sentido da experiência e do aprender (ou não) a ‘ser’ na escola” (HERNÁNDEZ, 2013, p. 90).

Conforme Cunha (2013, p. 215) “na perspectiva dos estudos da cultura visual, a imagem passa a ter função de texto visual, acrescentando outras possibilidades de compreensão”. As imagens podem produzir e provocar outras interpretações, sem estar a serviço de representação ou para referenciar o texto escrito. As imagens fotográficas “constroem argumentos, apresentam e discutem hipóteses” (EGAS, 2015, p. 3437). Com as contribuições destes autores compreendo que o processo de investigação aqui destacado é gerador de conhecimento tanto quanto as materialidades de pesquisa.



Buscar nos registros, além dos registros...

Pensar sobre as práticas realizadas na escola é um exercício fundamental na vida de uma educadora ou educador, e está sendo fundamental para esta etapa da minha formação. Para que eu pudesse movimentar meu pensamento sobre essas visualidades foi importante que as vivências escolares fossem registradas. Este registro serviu para documentar o trabalho e auxiliou no aperfeiçoamento da ação pedagógica.

Os registros escolares envolvem os cadernos de planejamentos, os diários de aula, as agendas das professoras repletas de impressões sobre a turma e escola em que atua, as produções das crianças, avaliações, caminhadas, entre outros. São instrumentos que 'falam' muito sobre nossas práticas pedagógicas.

No trecho da reportagem sobre o Registro e a Documentação Pedagógica³ para a Revista Pátio, Andressa Basilio coloca que

[...] é justamente durante esse processo, em que documentar torna-se um instrumento de reflexão sobre concepções e práticas educativas, que o educador é impulsionado na produção de novos conhecimentos e de novas concepções pedagógicas (BASILIO, 2015, p. 37).

Penso que me encaixo nessa 'categoria', pois sinto que fui impulsionada a pesquisar e pensar sob uma diferente perspectiva, a partir do documentar. A documentação exerce uma força transformadora no professor, pois possibilita o aperfeiçoamento da prática pedagógica através de suas próprias reflexões.

As imagens produzidas no Estágio eram apenas registros das atividades desenvolvidas, serviam para documentar o trabalho e mostrar um pouco do que estava sendo desenvolvido. Foi a partir do registro que esta pesquisa surgiu. É importante para mim destacar este processo em que as imagens deixam de ser registro, e passam a ser materialidades visuais que constroem outras narrativas sobre as minhas aprendizagens docentes. As montagens de fotos mostram instantes, processos, experimentações, movimentos e mais do que dar a ver, "tais composições possibilitam reflexões sobre o contexto do sujeito pesquisado, ao mesmo tempo em que revelam o olhar do pesquisador" (EGAS, 2015, p. 3440).

Comecei a fotografar as atividades e os alunos despretensiosamente, aos poucos fui percebendo que essas imagens me convidavam à reflexão e ao pensamento sobre as minhas ações como educadora. Começo a produzir outras narrativas na educação a partir e com essas imagens. A imagem com sua potencialidade, sem necessitar de legendas ou palavras para representá-las. Penso que essas fotografias trazidas ao longo do trabalho constituem uma narrativa própria. De uma maneira singular, elas contam muito sobre mim, sobre minhas ações e sobre as crianças e os processos de aprendizagem que aconteceram na escola de educação infantil. Um modo visual de olhar para essa experiência.

A formação do educador não se resume à linguagem escrita. Os espaços escolares e diferentes contextos de aprendizagem não se constituem somente da linguagem verbal/escrita. Compreendo que é preciso ter um olhar mais atento

³ Reconheço a importância dos estudos desenvolvidos no campo da Documentação Pedagógica, porém, embora este trabalho parta inicialmente dessa noção não a coloco neste momento como categoria de estudo.

quando pensarmos nos nossos registros das práticas na educação infantil, de modo que junto dos registros escritos possamos olhar para a experiência em processo de desenvolvimento, mesmo entendendo que a imagem não tem a capacidade de registrar todo o vivido, mas que tem a capacidade de nos fazer pensar e problematizar o mesmo.



Experiência

Alcançar o pincel
deixar que livremente
a criança experimente

uma ferramenta
diversas formas de usar
possibilidades para inventar
possibilidades para criar
o desafio de experimentar



REVERBERAÇÕES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

Narrativas sobre amor e afetividade na Educação Infantil

O momento vivido na escola de Educação Infantil é único para cada um dos sujeitos envolvidos, assim como todos os processos que ali ocorrem. O período de adaptação, o desenvolvimento da rotina, os momentos das refeições, do sono e descanso, as chegadas e as despedidas. A criança começa a aprender, desde muito cedo, que precisa se despedir das mães, dos pais ou avós, e passar um dia inteiro longe dessas pessoas que ama e está acostumada a conviver.

O período de adaptação, por exemplo, precisa ser reconhecido e compreendido em sua complexidade. Geralmente, é a primeira experiência de separação e distanciamento da criança com os familiares, e este processo, conforme as contribuições de Rapoport (p. 51, 2014) “poderá ter implicações por toda a vida da criança”. Por este motivo que é tão importante pensar e problematizar a sala de aula e as ações que ali acontecem. A criança precisa adaptar-se ao grupo e ao espaço físico, portanto, é necessário criar um ambiente desafiador e ao mesmo tempo acolhedor, que permita momentos de descanso e também de agitação. O espaço da Educação Infantil - que envolve as salas, corredores e áreas externas como os pátios - precisa estar aberto às inúmeras possibilidades de criação, espaços abertos à experiência. As crianças precisam correr, brincar, pular, experimentar novas sensações e serem desafiadas para que também se expressem através das mais diferentes linguagens. Segundo Cunha

O perceber e o registrar as impressões sobre o mundo ocorrem num processo contínuo - processo expressivo - que vai se modificando na medida em que as crianças têm contato com as linguagens, com materiais expressivos e com as intervenções dos adultos e de outras crianças. É na interação da criança com os objetos de conhecimento (desenho, pintura, modelagem, etc.) que o processo expressivo se constitui. Para que esse processo seja desencadeado, para que tenha significado para as crianças e para que possibilite leituras e expressões plurais sobre o mundo, são necessárias intervenções pedagógicas desafiadoras (CUNHA, 2014, p. 16).

Com o passar dos dias, o professor que trabalha com crianças tão pequenas acaba criando uma relação de amor e afetividade, apesar dos diversos desafios enfrentados na rotina, que por vezes a tornam exaustiva. Todos os processos que

acontecem dentro da escola de educação infantil são complexos e exigem um envolvimento de corpo inteiro.



No processo de desenvolvimento deste trabalho fui convidada a observar atentamente cada imagem produzida ao longo do Estágio. Nessas fotografias a

amorosidade e o envolvimento afetivo acabaram vindo à tona. Vejo que a afetividade perpassava toda minha ação pedagógica e possibilitava a própria ação de fotografar, dada pela cumplicidade entre os envolvidos no dia a dia na escola. Um exercício complexo e que ampliaria minha posição frente aos estudos, como expõe Hernández

Vincular o papel de artista, pesquisador e educador na figura de quem se abre à pesquisa sobre as relações pedagógicas em torno da cultura visual é considerada uma via não apenas promissora - pelas possibilidades existentes-, mas também sugestiva de modos de entender a docência das artes e da cultura visual como um processo de pesquisa (HERNÁNDEZ, 2013, p. 84).



Existe uma complexidade em cada ação, desde o pensar o cotidiano, os planejamentos de aula, pensar nas propostas pedagógicas, na organização dos tempos e espaços. Segundo Pillotto e Mognol (2015, p. 202)

Um programa tem consistência conceitual e metodológica quando se configura em interações individuais e de grupo, levando em conta o aprendizado da criança nos momentos de brincadeiras e rotinas. O adulto ao expressar real interesse pelo que a criança faz, dando atenção a construção dos seus saberes, contribui nos processos de aprendizagem, tanto das crianças, quanto os seus próprios.

Brincar, conversar, cirandar, correr, pular, cantar, dançar, cuidar da higiene dos pequenos, auxiliar nos momentos de alimentação... Sob meu ponto de vista, todas estas ações caminham juntas à lógica da afetividade e amorosidade na educação. E são igualmente importantes na construção de um ambiente favorecedor de aprendizagens. Como as autoras colocam, não serão apenas as crianças a aprender durante este processo, nós também vamos nos autoconhecendo e nos constituindo educadoras e educadores durante a caminhada.

No decorrer do Estágio na Educação Infantil aprendi bastante em relação a observação sensível sobre as crianças e a construção de laços afetivos. A maior parte dos pensamentos que vem à minha mente quando estou escrevendo, faz parte das lembranças guardadas pela ação de observar com sensibilidade as interações das crianças umas com as outras, com os brinquedos, com os espaços e com as demais professoras e funcionários que fazem parte da vida escolar. Concordo com Hoffmann quando diz que

Acompanhar a criança em seu desenvolvimento exige um olhar teórico-reflexivo sobre seu contexto sociocultural e manifestações decorrentes do caráter evolutivo do seu pensamento. Significa respeitá-la em sua individualidade e em sucessivas e gradativas conquistas de conhecimento em todas as áreas (1996, p. 7).

As imagens também me fizeram pensar além dos espaços escolares. Percebo que a prática pedagógica precisa de um envolvimento para além da escola. É preciso assumir que todas as vivências fora de sala de aula acompanham essas crianças dentro da sala de aula. É preciso estar atenta à realidade das crianças, ao contexto em que vivem, o que fazem quando estão fora da escola, com quem interagem e se relacionam. O nascimento de novos irmãos, doenças na família, brincadeiras e parentes presentes na vida das crianças, entre outros detalhes, tudo isso importa. O exercício constante de revisitar as reflexões escritas do estágio me fazem compreender que a minha ação docente não acontece sozinha. Mesmo que eu quisesse, não conseguiria planejar as aulas e *fazer-acontecer* somente como esperado, pois tudo o que acontece durante o período em que as crianças estão na escola ou fora dela, interfere de alguma maneira neste processo.

O exercício de problematizar e pensar as ações se faz necessário na Educação Infantil e caminha junto com a escuta sensível. É importante levar em conta o contexto que se trabalha, para que as atividades e experiências propostas

não fiquem soltas e desconectadas da realidade, sem significado para as crianças. De nada adianta, por exemplo, planejar experiências sensoriais para os alunos, se não os conhecermos, se não soubermos sobre seus medos, se não conversarmos e interagirmos com eles e também com suas famílias.



O estudo que aqui desenvolvo também diz muito a respeito daquele contexto em que eu estava inserida como professora e das possibilidades que haviam naquele espaço. Durante a prática pedagógica do Estágio, observei que o envolvimento afetivo entre professoras e crianças, naquele momento, possibilitou um

melhor desenvolvimento das propostas, pois eu reconhecia a diversidade no grupo e conseguia identificar as subjetividades de cada aluno.

Geralmente, as crianças ao se sentirem seguras em um ambiente e ao terem confiança nas pessoas que fazem parte do mesmo, participam e se expressam com maior liberdade nas atividades propostas, expõem com maior facilidade suas dúvidas e inquietudes. Nas minhas reflexões sobre o estágio encontrei relatos de situações em que notava o progresso de algumas crianças que começaram a participar mais dos momentos de expressividade, demonstrando prazer nas brincadeiras e explorações sensoriais. Isso tudo se deu após um longo período de estreitamento de laços com as professoras-possibilitado por um conjunto de práticas que considero fundamentais na rotina escolar como a escuta sensível, o olhar atento e o respeito aos tempos e ritmos das crianças.



“Educar com e pelo afeto na infância requer aspectos que se manifestam pela via da escuta, do olhar, do tocar, do corpo e do movimento” (PILLOTTO; MOGNOL, p. 203). Pegar no colo, sentar e brincar junto com o grupo, abraçar e trocar carinhos. Foram nestes momentos que notei as crianças do Maternal mostrando-se seguras para falar e expressar seus sentimentos, posteriormente, aceitando os desafios e envolvendo-se nas propostas.

No desenvolvimento das minhas propostas pedagógicas, procurava desafiar e instigar as crianças a aproveitarem o momento. Disponibilizava materiais expressivos diversos e tentava alternar os lugares em que iríamos brincar e experimentar estes materiais. Às vezes o tempo era curto, visto que as crianças mostravam gostar muito daqueles momentos. As aprendizagens das crianças também diziam muito sobre mim e sobre meu envolvimento com elas.

Este envolvimento faz parte de um processo muito sutil nesta etapa da Educação, um processo que envolve o ser humano por completo. O toque presente nos abraços, na acolhida e no carinho. O olhar atento que observa e cuida, o olhar amoroso e o olhar alegre. O escutar para entender, para respeitar, para acompanhar. E o respirar que nos mantém vivos, inspirar os aromas da escola, respirar as curiosidades, as alegrias e tristezas, as emoções pulsantes de cada criança, respirar junto com alunos e professores.

A relação aluno-professor se faz no cotidiano, no dia a dia. É uma relação diferente da relação familiar, mas que se torna tão afetiva quanto, e esse envolvimento, unido ao olhar do professor pesquisador, é que tem a capacidade de possibilitar aprendizagens. A produção das imagens que fazem parte deste TCC foi possibilitada também pela relação de confiança criada com as crianças.



Um pensar sobre Experiência

Com o olhar e escuta sensível fui percebendo que as crianças daquela turma precisavam ser desafiadas de diferentes maneiras, por aquilo que as tocassem e fizesse sentido em suas vidas. Era necessário pensar em atividades e propostas pedagógicas que produzisse sentido através de experiências e da sensorialidade. Paige-Smith e Craft afirmam que a sensibilidade interfere nas aprendizagens e no desenvolvimento das crianças pequenas:

Os adultos que estejam respondendo de maneira sensível, e que se envolvam no desenvolvimento de uma experiência contínua de aprendizagem, fomentam a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças de um modo que atende os próprios interesses da criança e suas perspectivas, além de dar espaço para ideias e possibilidades que surjam desse diálogo (2010, p.34).

Naquele contexto, identifiquei uma vontade latente das crianças, de quererem sentir as coisas, experimentando. Com as contribuições de Larrosa (2002) sobre o *saber da experiência* percebo que o Projeto Pedagógico realizado com as crianças, foi de suma importância para que elas se desenvolvessem com liberdade dentro do ambiente escolar. Trabalhar com a pintura, a experimentação de materiais molhados e grudentos, a brincadeira com elementos secos da natureza, deu sentido às suas aprendizagens e fez com que elas acontecessem de maneira muito natural e singular, cada criança se desenvolvendo no seu **tempo** e no seu **ritmo**.

A experimentação livre de materiais diversos foi fundamental para que a experiência estivesse acompanhada de sentido. Para trabalhar desta forma com as crianças pequenas, me inspirei nos estudos de Cunha (2014) sobre as Artes no Universo Infantil. Fui instigada a ampliar os materiais e suportes utilizados, criando outras possibilidades de experiências no exercício sensório-motor. Sobre esta fase a autora coloca que “além da descoberta espacial, há um desejo muito grande de exploração de materiais pelas crianças. É uma fase em que tudo vira uma meleca, em que a mão desliza nas superfícies convencionais, nas roupas e no corpo” (CUNHA, p. 34).

A autora me faz compreender que

É fundamental que as crianças vivenciem seu **desejo exploratório gestual e matérico**, portanto é inadequado controlar seus ímpetos desbravatórios com exercícios de preenchimento de formas ou com redução da quantidade de tintas e colas, ou fornecendo apenas folhas de tamanho reduzido. Também torna-se inadequado indicar temas às crianças, uma vez que elas não pretendem representar situações ou objetos, mas, sim, **explorar movimentos, materiais e espaço** [grifos meus] (CUNHA, 2014, p. 36).

As atividades, ao invés de ficarem somente como decoração da sala, foram valorizadas durante o processo, nos instantes em que aconteceram. A experiência como um todo, desde a criação, a transformação e a destruição das criações, dadas pelo uso, pela brincadeira. Nessa mesma linha de pensamento Cunha (2014, p. 36) diz que “os professores devem incentivar as possibilidades de ação sobre os materiais, pois, nesse momento, o processo de conhecimento matérico é fundamental para as crianças e não um produto final”. A experiência e a descoberta se fazem também no rasgar, cortar, molhar, experimentar, colar e furar.



Se a experiência é “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2002, p 21), quando falo das minhas experiências pedagógicas falo de todos os atravessamentos, e que pode ser muito diferente para outras pessoas, outros professores. Não busco com este estudo propor uma receita ou uma ideia fechada. Durante esta escrita busco (re)pensar minhas ações docentes, perceber minhas vivências como aprendizagens, experiências que vivi e que tiveram sentido em minha formação a partir das imagens.

Minhas intencionalidades educativas para a Educação Infantil vão além do desenvolvimento de habilidades e competências na primeira infância. Acredito na importância das crianças viverem as propostas pedagógicas, e que estas propostas, produzam sentido no seu viver. A experiência infantil acontece quando lhes é garantida essa possibilidade. Penso que ao imitar, brincar, experimentar a tinta com as próprias mãos, poder escolher se quer ou não usar o pincel, rasgar e amassar papéis, as crianças estarão construindo suas aprendizagens.

É importante destacar, que as minhas vivências na Educação Infantil me fizeram construir este pensamento, mas que meu relato não dá conta de todo o vivido. Nem mesmo as imagens e nem mesmo o conjunto. As imagens mostram fragmentos das experiências, mas é preciso pensar também nas ausências (CUNHA, 2015). As narrativas visuais dão existência aos episódios de nossas investigações (CUNHA, 2015) e expressam nossos pontos de vista, porém, precisam ser compreendidas como o observar através de uma janela, em que há sempre algo que fica fora do nosso campo de visão. A curiosidade que se cria neste momento, também é fundamental para pensar as perspectivas por onde se observam as cenas.



O processo vivido pelas crianças e professoras é o processo da experiência, em que a criança vai vivenciando, tocando, experimentando, imitando, brincando e construindo seus conhecimentos do mundo.

Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida (LARROSA, 2002, p. 27).

A fotografia tem a capacidade de capturar o instante. As imagens fotográficas capturam os momentos e de certa forma, me fazem pensar na efemeridade presente na educação. Tudo o que acontece é efêmero, passa e (talvez) deixará marcas. Minhas aprendizagens se mostram também nessas reflexões, em que entendo a efemeridade das experiências vividas na educação infantil. A efemeridade das experiências de cada uma das crianças ou da experiência pelo meu ponto de vista. Minhas práticas foram pensadas com o foco no processo e não no produto, e essas imagens começaram a ser produzidas justamente pelo foco na experiência, no instante em que as práticas aconteciam.

As propostas pedagógicas pensadas para a educação infantil, precisam ser flexíveis neste sentido. Concordo com Larrosa, e entendo que a experiência será única para cada criança, assim como o instante de uma foto. Como educadores precisamos fazer um exercício constante para não criarmos expectativas em relação a finalização das propostas.

[...]a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer” (LARROSA, 2002, p. 28).



Essa experiência não tem como ser um produto ou se transformar num produto. Entendo que a criança aprende na experiência e através da experiência. As imagens, as fotos, as atividades no papel, serão sempre fragmentos dessa experiência. Richter afirma que

Existe a necessidade de ampliar qualitativamente na Educação Infantil, as oportunidades lúdicas que envolvem a criação de objetos e narrativas por meio de diferentes experiências expressivas. É nesse momento de vida, e não em outro, que ocorrem todas as primeiras experiências que permitirão a elas dialogar com o mundo, com os outros e consigo mesmas. Esse diálogo só será possível se puderem compartilhar linguagens para articular a experiência coletiva (RICHTER, 2014, p. 58).

Cada criança terá a sua experiência, mesmo que a proposta seja a mesma. A experiência será única, mesmo que partilhada, mesmo que aconteça de forma coletiva. Segundo Larrosa (2002, p. 28) “[...] a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade”. Pensar por esta lógica na educação infantil, no meu ponto de vista, é justamente respeitar as crianças nas suas subjetividades, no seus tempos e ritmos de desenvolvimento e aprendizagem. É entender que as reverberações da minha ação tocarão de formas diferentes em

cada aluno, que na mesma prática podem aproveitar o momento, viver a experiência cada um a sua maneira.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 24).

É nesse sentido de experiência que penso sobre minhas aprendizagens docentes e sobre este Trabalho de Conclusão de Curso. É necessário pararmos por alguns instantes para pensar na experiência, olhar para as imagens mais devagar, deixar a fotografia nos tocar e nos provocar.

CONSIDERAÇÕES PARA NOVAS REFLEXÕES

[...]outro componente fundamental da experiência: sua capacidade de formação ou de transformação. É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação (LARROSA, 2002, p. 25-26).

Através do desenvolvimento do presente estudo, concluo que sou esse sujeito da experiência a que se refere o autor, que se transforma a cada imagem e a cada palavra escolhidas para compor estas narrativas. Entendo o processo da pesquisa como uma dessas experiências em que aprendo e, principalmente, me transformo. Fui tocada pela forma com que a pesquisa se desenvolveu, pelos autores que li e estudei, por cada imagem escolhida para compor as montagens.

Durante a composição deste trabalho relembrei da experiência pedagógica vivida no estágio e também de todas aquelas outras experiências já vividas em sala de aula. Também tive a oportunidade de recordar cada experiência com as crianças, momentos de alegrias, de desafios, de (re)pensar a prática a todo instante e também, continuar a me transformar.

Este estudo feito com e a partir de imagens talvez possa expressar narrativas sobre (algumas) das minhas aprendizagens docentes, mas não dá conta de todas. Entendo que a imagem transcende ao registro, tem uma potência própria, provoca pensamentos. A imagem tem um potencial gerador de aprendizagens. A imagem provoca o observador, instiga, tira do lugar comum, faz pensar, revela o olhar do fotógrafo sem revelar o todo fotografado, nos faz reparar, olhar com atenção, admirar o detalhe, nos colocar em dúvida, em curiosidade. É preciso considerar que as imagens têm diversas possibilidades nas investigações pedagógicas e, podem, além de construir narrativas, atravessá-las e transformá-las, como proposto no desenvolvimento deste trabalho.

Com esta investigação também pensei muito sobre o(s) tempo(s) das experiências. O tempo da imagem é outro, ao observar uma imagem nos colocamos frente a um tempo diferente, um instante efêmero mas intenso, em que se criam outras possibilidades e outros pensamentos. Exige também do educador-pesquisador uma outra postura durante a investigação, um olhar atento e curioso, aberto e disposto a deslocar-se tanto para a imagem, quanto para a experiência.

Passar por este processo de investigação, em que busquei pensar a partir de minhas aprendizagens e experiências pedagógicas sobre e com imagens fotográficas por mim produzidas, consistiu em um (re)descobrimto como educadora. A imagem aparece aqui como uma possibilitadora desse despertar. O despertar para uma educadora que valoriza, de fato, a experiência, o processo de aprendizagem, o envolvimento afetivo e a amorosidade como elementos fundamentais da ação e constituição docente na Educação Infantil.

Este redescobrir-se na profissão, agora já com um olhar pesquisador e acadêmico, configurou-se num movimento, e penso que isso é imprescindível a todas as pessoas que trabalham com Educação. Um movimento de busca, de aprimoramento, de estudo. Movimento que me faz (re)pensar e (re)construir meus argumentos. Movimento que me inquieta, me provoca. Redescubro neste momento a educadora que estou me formando, capaz de estudar, refletir, problematizar, com vontade de mudar, melhorar, experimentar.

Hernández me fez pensar em outras narrativas para a educação, suas investigações me fizeram (re)pensar meus modos de pesquisa e assumir que desejo

uma educação para indivíduos em transição, que construam e participem de experiências vivenciadas de aprendizagem, pelas quais aprendam a resolver questões que possam dar sentido ao mundo em que vivem, de suas relações com os outros e consigo mesmo (HERNÁNDEZ, 2007, p. 15).

Para concluir este trabalho, destaco que é preciso pensar que cada realidade é única e esboça o resultado de um contexto muito maior do que o de sala de aula. As imagens e as palavras que compõem este trabalho deram sentido às minhas aprendizagens, mostraram caminhos por onde passei. As narrativas a que me propus nessa escrita, provocam, instigam, possibilitam um outro olhar sobre a ação e as aprendizagens docentes. Acredito que a partir delas, surgem muitos pensamentos e novas reflexões. Compreendo que sou um sujeito da experiência, uma professora em constante formação, vivendo aprendizagens junto das crianças que passam pelas imagens das escolas de educação infantil.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BASILIO, Andressa. Observar, Registrar, Mudar. **Pátio** - Educação Infantil, Porto Alegre, v.13, n. 45, pp. 36-39, out/dez, 2015.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Materiais Visuais na Pesquisa em Educação. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Educação da Cultura Visual: aprender... pesquisar... ensinar...** Santa Maria: UFSM, 2015. pp. 167-190

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. A importância das artes na infância. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.). **As artes no Universo Infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2014. pp. 11-51

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Experimentos e Experiências na Pesquisa. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Processos e Práticas em Pesquisa em Cultura Visual e Educação**. Santa Maria: UFSM, 2013. pp. 201-224

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. As infâncias nas tramas da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Cultura Visual e Infância: quando as imagens invadem a escola...** Santa Maria: UFSM, 2010. pp. 131-161

EGAS, Olga Maria Botelho. Metodologia Artística de Pesquisa baseada em fotografia: a potência das imagens fotográficas na pesquisa em educação. In: **Anais... 24º Encontro Nacional da ANPAP**, Santa Maria/RS, 2015. pp. 3434-3449

HERNÁNDEZ, Fernando. Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Processos e Práticas em Pesquisa em Cultura Visual e Educação**. Santa Maria: UFSM, 2013. pp. 77-95

HERNÁNDEZ, Fernando. Para Erina ninguém diz nada... E nós não podemos fazer o que queremos a educação da cultura visual na educação infantil. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Cultura Visual e Infância: quando as imagens invadem a escola...** Santa Maria: UFSM, 2010. pp. 71-85

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual: uma proposta para uma nova narrativa educacional** [Tradução de Ana Duarte]. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre: Mediação, 1996.

LARROSA, Jorge. Notas sobre Experiência e o saber da Experiência. **Revista Universidade Estadual de Campinas**. Departamento de Linguística n. 19. Jan/Fev/Mar/Abr, São Paulo, 2002, pp. 20-28

MOSSI, Cristian Poletti; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Inscrever imagens na escrita, escrever pelo fora: impactos da filosofia de Deleuze e Guattari nas pesquisas em educação. In: **Anais...** 22º Encontro Nacional da ANPAP, Belém/PA, 2013. pp. 3217-3231

PAIGE-SMITH, Alice e CRAFT, Anna. **O desenvolvimento da prática reflexiva na educação infantil**. Tradução Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte; MOGNOL, Leticia Coneglian. A arte no contexto da educação infantil. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (Org.). **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: UFSM, 2015. pp. 199-214

RAPOPORT, Andrea. A importância do período de adaptação. In: RAPOPORT, Andrea [et al]. **O dia a dia na Educação Infantil**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

RICHTER, Sandra Regina Simonis. Crianças pintando: Experiência lúdica com as cores. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.). **As Artes no Universo Infantil**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014. pp. 55-105

RUIZ, Tulipa. Efêmera. In: _____. **Efêmera** (álbum musical). São Paulo: YB, 2010.